

Safra recorde
de grãos deve
favorecer custos com
concentrados

Custos da silagem
de milho tem
redução no sul de
Goias

Edição 41 - Novembro de 2017

Custos com reforma de pastagem caem mais de 20% em um ano na região de Fernandópolis/SP

Maximilian Rizzardo

Os custos com reforma de pastagem em Fernandópolis (SP) diminuíram 21,3% entre agosto de 2016 e agosto de 2017 (valores deflacionados pelo IPCA – Índice Nacional de Preços ao Consumidor). O principal fator que contribuiu com a queda foi a volta à normalidade do mercado de sementes de pastagens. Em agosto de 2016, de forma atípica, os preços estavam elevados devido à previsão de uma menor produção de sementes.

Conforme dados da Unipasto, houve redução de 20% na área plantada com sementes forrageiras em 2016 frente ao ano anterior. Além disso, a ocorrência do fenômeno El Niño, o mais forte registrado desde 1998, afetou as principais regiões produtoras de sementes pela redução no volume de chuvas, inclusive o estado de São Paulo, prejudicando o enchimento das sementes forrageiras. Em seguida, no início da colheita, quando as chuvas são indesejadas, o La Niña provocou o aumento na quantidade de precipitações, reduzindo a produção de sementes de pastagens. Esses fatores levaram à redução na oferta e, consequentemente, ao aumento de preços. Já na safra de 2017, a produção se normalizou.

Adotando como propriedade modal a da região de Fernandópolis (SP), a qual tem como espécie forrageira utilizada a *Brachiaria Brizantha*, variedade de média exigência nutricional e adequada para solos com alto teor de argila. Para a formação das áreas de pastagem, o produtor dessa região adota além das práticas mecanizadas (aração, gradagem, distribuição de calcário e semeadura), o uso de calcário (1,5 toneladas/ha), supersimples (200 kg/ha) e a

semente (20kg/ha). Foram abordados ainda os custos referentes à manutenção das áreas de pastagem, realizado em área total a cada dois anos, com aplicação de adubo formulado 20-10-20 (200 kg/ha) e combate a pragas.

Para o período analisado a semente foi o insumo que se desvalorizou com maior intensidade em Fernandópolis. O preço do saco de 20 kg passou de R\$ 477,44 em 2016 para R\$ 320,00 em agosto deste ano, queda de 32,98%. Seguindo o movimento de queda, as cotações do calcário recuaram, 13,24% (de R\$ 46,31/t para R\$ 40,00 /t – não considerando o frete) e

o preço do supersimples registrou retração de R\$ 926,16/t para R\$ 825/t, redução de 10,53%.

Com relação ao custo de manutenção das áreas de pastagens, esse teve movimentação contrária. Apesar dos gastos com controle de pragas ter diminuído 22,87%, o adubo formulado (N-P-K) 20-10-20, utilizada na operação de adubação de cobertura, se valorizou 9,32% no mesmo período, como reflexo no aumento da demanda. Com isso, o custo total para a manutenção da área de pastagens aumentou 6,41% em um ano.

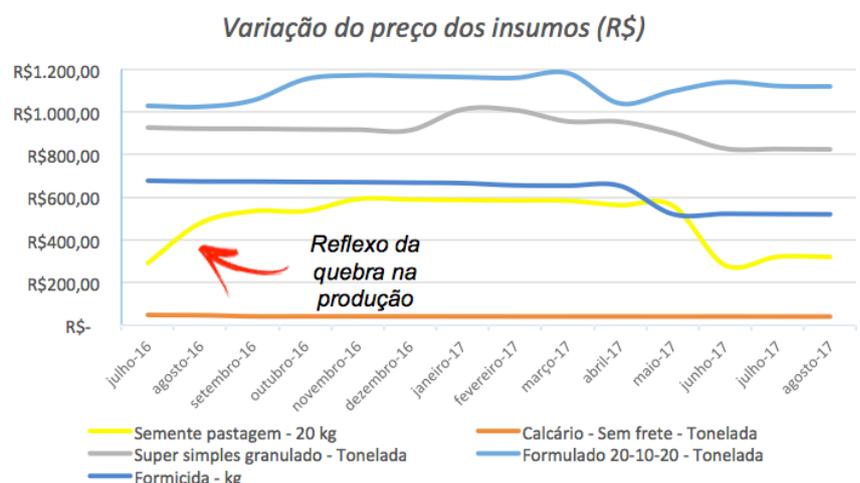


Gráfico 1. Variação mensal das cotações de insumos, em reais
Fonte: Projeto Campo Futuro, 2017

É importante salientar que os valores por hectare tanto para formação como para manutenção, dizem respeito ao manejo

e ao sistema descrito para a realidade do produtor de leite descrito como típico da região de Fernandópolis, onde o mesmo

trabalha com maquinário próprio e tem o sistema produtivo balizado no uso de baixa tecnologia. Com isso, os números apresentados no gráfico abaixo dizem respeito

a esta realidade. Assim apesar do aumento nos custos para manutenção os valores não diferem muito de um ano para o outro. Já a redução nos custos de reforma das

áreas de pastagem, indicam um momento favorável para o produtor paulista investir nesta prática.

Custos para reforma e manutenção da pastagem



Gráfico 2. Comparação dos custos, em reais, para a reforma e manutenção de pastagens por hectare

Fonte: Projeto Campo Futuro, 2017.

Safra recorde de grãos deve continuar favorecendo custos com concentrados no início de 2018 em SP

Por Wagner H. Yanaguizawa

De forma a projetar como o concentrado, importante componente dos custos de produção na pecuária de leite, irá se comportar no início do próximo ano no estado de São Paulo, foram analisados os dados coletados das propriedades típicas de Mococa e Itapetininga, por meio do Projeto Campo Futuro, sendo os preços de grãos corrigidos com base nos divulgados pelo Cepea. Esta análise tem foco nos preços do mercado futuro de farelo de soja e milho referentes à praça de Campinas (SP). Conforme esperado pelo mercado, a tendência de redução dos preços desses dois insumos deve se confirmar até janeiro/18, gerando uma queda de 7,6% nos gastos com o grupo de concentrados.

O milho e a soja representam 88,5% dos grãos produzidos no País e se destacaram na última safra com as duas culturas encontrando clima e mercado favorável houve um estímulo aos aumentos de produção com melhorias na produtividade das lavouras. Para o milho, segundo estimativas da Conab, o avanço da produção nacional deve ser de 46,1% com relação à safra 15/16. Analisando a primeira safra do estado de São Paulo, o incremento é

de 0,2% na quantidade produzida, porém com redução de 2,1% na área plantada. Já na segunda safra, que sazonalmente tem produção maior, a área plantada aumentou cerca de 11% e o volume produzido teve elevação recorde de 79% frente à safra anterior.

Quanto à soja, a produção tem sido recorde na safra 16/17, devido às boas condições climáticas nas diversas fases de desenvolvimento do grão, junto ao bom pacote tecnológico utilizados por produtores. Com isso, a expectativa para esta safra é de produtividade maior que a da temporada 15/16. Segundo a Conab, o aumento da área nacional plantada é de 2%. Especificamente no estado de São Paulo, esse incremento será de 7,4%, resultando em produção de 3,17 milhões de toneladas, elevação de 11,6% com relação à safra anterior.

Elucidando o cenário da projeção, a realidade produtiva das propriedades típicas de Mococa e Itapetininga, tem como modelo um manejo dependente da utilização de áreas de pastagem, adotam silagem de milho na época seca do ano e

suplementação concentrada durante todo o ano apenas para as vacas em lactação. A primeira região possui como produção média 600 litros/dia com produtividade de 12 litros/vaca/dia. Já a propriedade típica de Itapetininga produz 250 litros e têm produtividade por vaca de 10 litros/dia. Ambas possuem o rebanho formado por animais da raça Girolanda.

Tendo como base os preços do milho, a partir do Indicador ESALQ/BM&FBOVES-PA referente à praça de Campinas (SP), e no caso do farelo de soja, os preços da praça de Paranaguá/PR, e utilizando o preço médio das sacas comercializadas em julho/17 para pagamento em janeiro/18, determinou-se o preço de R\$ 28,43/saca de 60 kg do milho e de R\$ 1.009,22/tonelada do farelo de soja.

Ao inserir nos custos dos concentrados os preços futuros de janeiro/18 do milho e do farelo de soja e comparando com os últimos dados de custos de produção (julho/17), tem-se uma redução nesse grupo de custos de 10,6%. Considerando-se uma estabilidade nos preços dos demais grupos de insumos, que têm participação

menor no COE, a queda no desembolso chegaria a 2,4% no início do próximo ano. Somente o custo do concentrado cairia 12,4%, podendo atingir o valor de R\$ 0,99/kg. Assim, o produtor paulista que estiver estudando a possibilidade de uma compra maior de ração no final do ano deve aguardar e planejar de forma estratégica o melhor momento para comprar insumos.

Outro fator a ser levado em conta é o referente à queda na receita que acontece nesse período, devido à desvalorização sazonal do preço pago ao produtor. A decisão pela compra de um insumo deve ser feita mediante o poder de compra que o litro de leite tem em relação ao insumo, não necessariamente quando o preço do insumo é o menor será o momento ideal de compra-lo.

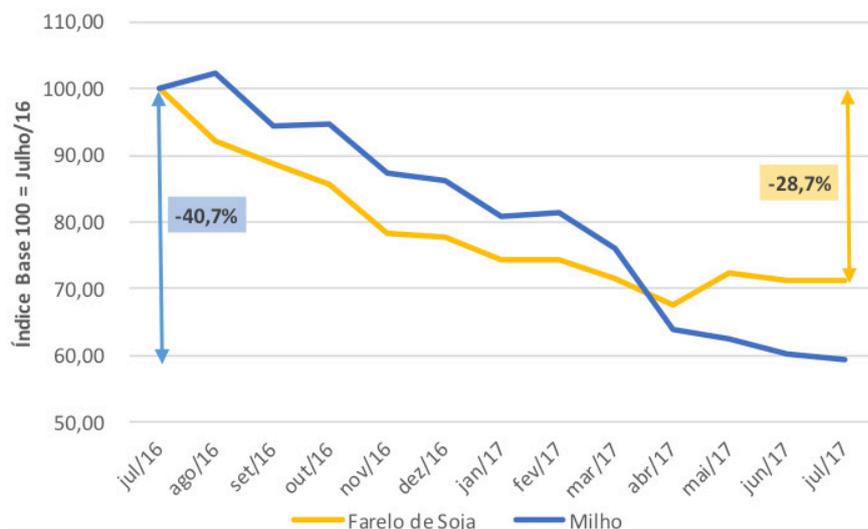


Gráfico 1. Evolução dos preços de milho e farelo de soja de julho/16 a julho/17. Fonte: Projeto Campo Futuro, 2017.

O comportamento sazonal dos preços e a compra estratégica de insumos

Lucas Ribeiro e Natália Salaro Grigol

Os preços de produtos e serviços estão sujeitos a variações ao longo do tempo por diferentes motivos, seja pelo aumento ou pela queda na oferta ou na demanda, pelas mudanças nas condições climáticas, crises econômicas, inovações tecnológicas ou alterações no perfil de consumo. Não é incomum que se observe nas séries de preço, especialmente nas de produtos alimentícios, um comportamento tendencioso associado a eventos sazonais, provocados direta ou indiretamente pela existência das estações do ano e pelos chamados “efeitos de calendário” (fatores culturais). A identificação das variações sazonais dos preços agrícolas é de grande importância, pois evidencia os movimentos de oferta e demanda e como isso se relaciona com épocas de preços mais elevados ou mais baixos. Para o produtor, o conhecimento das variações sazonais dos preços pode ser uma ferramenta para o planejamento da atividade leiteira, pois fornece subsídios para alocação temporal mais eficiente dos recursos e indica as melhores épocas de compra de insumos, melhorando a eficiência da utilização da renda.

Um importante estudo realizado por Hoffmann (2002) demonstrou que os preços dos produtos agropecuários apresentam variação cíclica no decorrer das estações do ano: na época da safra, o preço é menor devido à maior produção; depois, os valores aumentam sequencialmente até a época em que a oferta é mínima. Esse efeito de sazonalidade é mais forte para produtos perecíveis, como no caso do leite.

De fato, o preço do leite recebido pelo produtor apresenta um comportamento bem característico no período de um ano, por conta de períodos bem demarcados de chuvas. Com o maior volume de precipitações e a consequente melhora na qualidade das pastagens, a produção de leite se eleva, pressionando as cotações no campo. A entressafra da produção ocorre devido ao menor volume de chuvas, o que, por sua vez, impulsiona as cotações do leite ao produtor.

Em 2017, no entanto, a demanda enfraquecida na ponta final da cadeia tem sido

o fator que mais define a dinâmica do mercado lácteo, forçando a queda precoce nas cotações recebidas por produtores, em junho. Contudo, analisando-se a série histórica do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), iniciada em 2006, observa-se que os preços no campo apresentam comportamento sazonal. O cálculo do índice de sazonalidade é obtido pelo método da média geométrica móvel centralizada de 12 meses, definido por Hoffman (2002). Observa-se que, historicamente, setembro é o mês com o maior valor pago ao produtor no Vale do Paraíba (São Paulo), conforme o Gráfico 1.

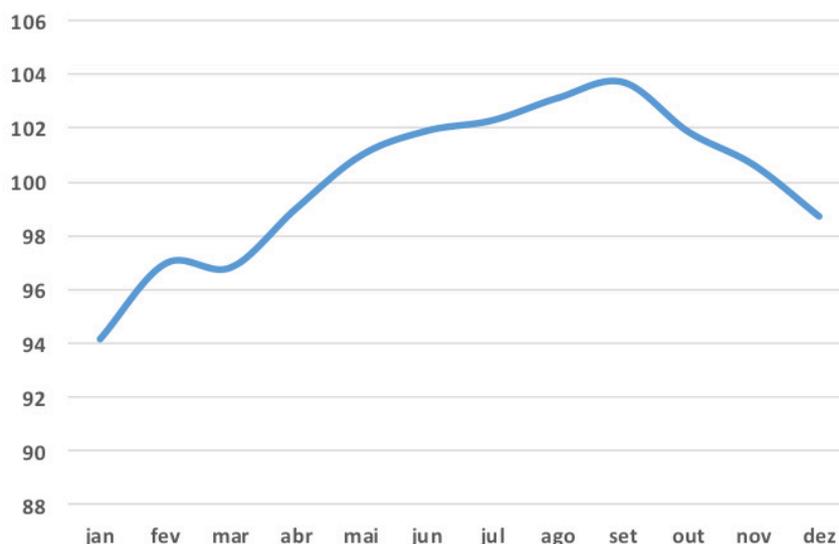


Gráfico 1. Índice de sazonalidade do preço do leite recebido pelo produto no Vale do Paraíba - SP. Valores deflacionados pelo IPCA de agosto/17. | Fonte: Cepea/Esalq-USP.

Os resultados mostram que os preços ao produtor ficam abaixo da média (100) de dezembro a abril no Vale do Paraíba, com o menor índice de sazonalidade registrado em janeiro (5,8% abaixo em relação à média). A partir de maio, os níveis se elevam, chegando ao pico em setembro (3,7% maior que a média), permanecendo acima da média até novembro. Segundo Hoffman (2002), a sazonalidade dos preços dos produtos agrícolas ocorre em função da falta de ajustamento entre oferta e demanda. Isso porque a oferta fica

concentrada em alguns meses, enquanto a demanda é esparsa ao longo do ano.

Ainda que o período sazonal seja bem marcado, a variação dos preços é considerada moderada, pois os índices não se distanciam muito de 100. No entanto, se considerados os valores mais baixo (janeiro, de 94,17) e o mais alto (setembro, de 103,7), a amplitude é de 10,16%.

Assim como o preço do leite, fatores sazonais podem influenciar os insumos agrí-

colas utilizados na produção – em função tanto da sazonalidade de sua produção quanto da de consumo (determinada pelo ciclo produtivo da atividade leiteira).

A Tabela 2 apresenta a sazonalidade de preços dos principais insumos agrícolas utilizados na produção de leite no Vale do Paraíba. Foram utilizados dados dos últimos seis anos obtidos por meio de levantamentos mensais realizados pelo Cepea nas principais casas agropecuárias da região.

Tabela 2. Variações sazonais dos principais insumos utilizados na produção

Insumo	Maior índice	Menor índice	Amplitude	Fatores de sazonalidade
Concentrado 22% PB	102,36 (agosto)	97,11 (fevereiro)	5,46%	Colheita de milho (fevereiro/junho) e soja (março)
Semente <i>Brachiaria brizantha</i>	110,10 (junho)	91,16 (novembro)	21%	Os índices se valorizam sucessivamente do início do ano até junho, por conta da menor oferta de sementes. A partir de julho, os índices caem, devido à maior produção. Há elevações a partir de agosto em função do aumento da demanda pelo insumo para a reforma e manutenção de pastagens, realizada com o início das chuvas. Porém, os preços voltam a cair e apresentam o menor índice em novembro, pois a demanda está mais enfraquecida do que entre agosto e outubro.
Uréia	104,36 (novembro)	96,39 (abril)	8%	Mesmo com períodos com tendência de alta ou baixa, não há explicações sazonais que justifiquem as oscilações de preços. Vários fatores afetam a precificação destes insumos, principalmente a taxa cambial e preço de frete.
Sal mineral 100g P	102,32 (novembro)	96,58 (março)	6%	
Herbicida 2,4D	105 (junho)	91,68 (dezembro)	15%	

Fonte: Cepea/Esalq-USP

No início do ano (período em que o preço do leite está baixo), a compra de concentrado, sazonalmente, tem o seu preço nos menores patamares. Em junho, época em que o valor do leite no campo está em alta, a compra de sementes de *Brachiaria brizantha* cv. marandú deve ser evitada, por estar sazonalmente nos maiores níveis do ano. Ao final do período, quando o leite já está em desvalorização, o cenário se inverte, os preços do concentrado se elevam enquanto a semente de *Brachiaria* tem seu valor reduzido (Gráfico 2). As cotações da ureia, do sal mineral e do herbicida 2,4D oscilam ao longo do ano; porém, esses movimentos não podem ser explicados por um fator sazonal, uma vez que diversas variáveis que independem da época do ano contribuem para a formação dos seus preços, como a taxa cambial, a disponibilidade internacional de matérias-primas e as oscilações no valor do frete.

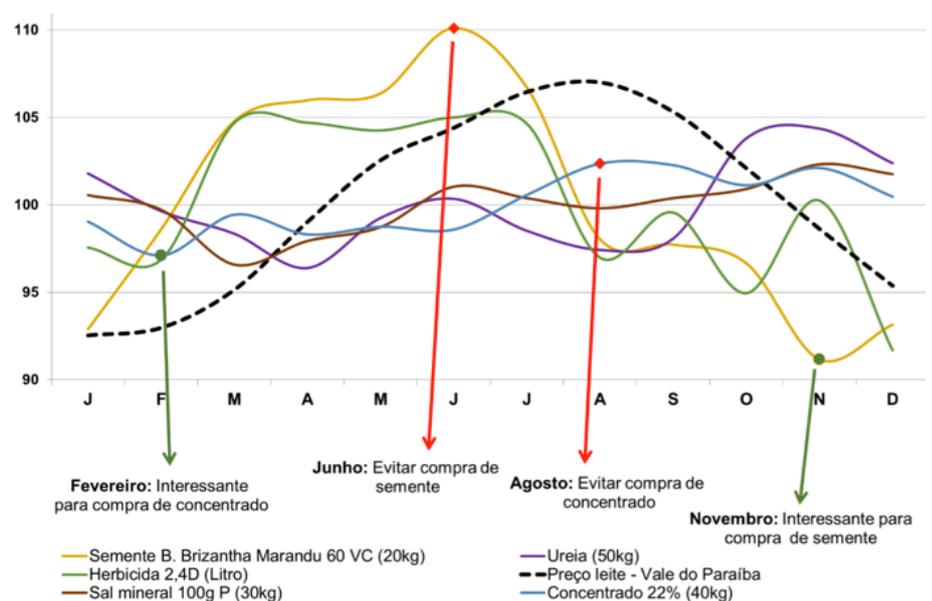


Gráfico 2. Sazonalidade de preços dos principais insumos agrícolas na região do Vale do Paraíba – SP. Valores deflacionados pelo IPCA de agosto/17 | Fonte: Cepea/Esalq-USP.

Ainda que a formação do preço do leite no campo não esteja nas mãos do produtor e a receita obtida seja desuniforme ao longo do ano por conta da sazonalidade, o pecuarista pode controlar outras variáveis para garantir a rentabilidade. Além de avaliar a receita e os movimentos do merca-

do, é fundamental que o produtor registre as ocorrências zootécnicas e os gastos da fazenda para que possa, por meio de indicadores técnicos e econômicos, detectar os possíveis gargalos produtivos e os custos controláveis que podem ser reduzidos. Estudar o comportamento dos preços de

seus insumos auxilia na hora de realizar a compra, para adquirir em momentos oportunos e ter o produto disponível quando os preços estiverem em alta. É importante lembrar que a gestão estratégica da propriedade é essencial para o bom desempenho econômico da atividade.

Custo da silagem de milho tem redução de 7,7% no sul de Goiás

Por Wagner H. Yanaguizawa

A silagem, resultado de um processo de conservação de forragem via fermentação, é um importante componente da dieta dos animais na atividade leiteira. Atualmente várias são as forrageiras utilizadas para esse fim, porém características como a alta presença de carboidratos solúveis, que são substrato no processo de fermentação, fazem do milho a cultura mais utilizada na produção deste alimento. Devido as grandes oscilações no mercado desse grão desde a safra 15/16, o impacto na rentabilidade gerado pela oscilação nos custos de produção de silagem de milho na região de Piracanjuba/GO retrata parte da realidade produtiva vivenciada pelo setor.

De acordo com a distribuição dos Custos Operacionais Efetivos (COE) da pecuária de leite na média estadual de Goiás, o grupo de silagem representa cerca de 14,2% dos custos de desembolso. Apenas o gasto com concentrado (41,3%) e com mão de obra (20,7%) superaram a participação da silagem no COE. No município de Piracanjuba/GO, sul do estado, o sistema de produção típico da região de

acordo com os dados do projeto Campo Futuro, consiste em uma propriedade de 50,0 ha de área total, com 34,0 ha de pastagem (68,0%) e 5,0 ha de milho para produção de silagem (10,0%). A produção diária da propriedade, definida pelo projeto, é de 200 litros utilizando animais da raça Girolando com grau de sangue variando entre $\frac{3}{4}$ a $\frac{1}{8}$ com produtividade média de 8 litros/vaca/dia.

Para a safra 15/16, as operações para formação da área de milho foram descritas como sendo duas gradagens, calagem, semeadura, adubação de cobertura, aplicação de herbicida e corte para ensilagem a um custo de R\$ 1.814,40/ha. Os principais insumos utilizados eram calcário dolomítico, adubo 08-28-18, uréia, 2,4-D (herbicida) e a semente do milho gerando um gasto com insumos por hectare de R\$ 2.311,63. Dessa forma, o custo de produção silagem na safra 15/16 na região de Piracanjuba foi de R\$ 4.126,03 para uma produtividade de 35,0 toneladas/ha de matéria verde, ou seja, um gasto de R\$ 117,89/tonelada produzida.

As condições climáticas desfavoráveis juntamente com a desvalorização do Real frente ao dólar na safra 15/16, restringiu a oferta de milho no mercado brasileiro, esse fato resultou em grandes aumentos de preço do grão e por consequência das sementes que foram produzidas no mesmo período.

Comparando estes custos com os da safra atual, mantendo o mesmo manejo e atualizando os preços dos insumos, tem-se uma redução nos custos de produção de 7,7%, ou R\$ 3.808,54/ha. Tal fato pode ser explicado pelo atual momento de mercado onde os preços de milho têm registrado quedas constantes desde o final do primeiro semestre do ano passado. A semente que foi comprada por R\$ 460,95 a saca na safra passada, teve redução de 36,9% chegando a R\$ 290,64. Com isso os custos operacionais efetivos registraram desvalorização de 2,2% com relação a 2016. Outro importante componente do custo também sofreu reajuste negativo, a cotação média da tonelada de adubo reduziu 12,4% no mesmo período.

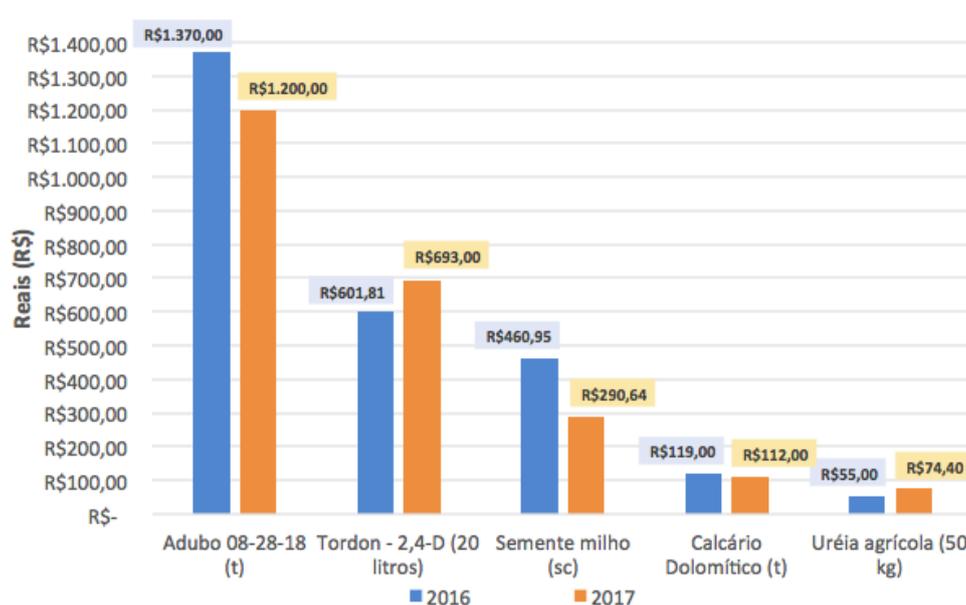


Gráfico 1. Comparativo entre os preços dos insumos utilizados para implantação da área de milho para silagem (Deflacionados - IPCA) | Fonte: Cepea-Esalq/USP.

Com um cenário indicando um menor custo de formação por hectare, cabe ao produtor direcionar a implantação das suas áreas de lavoura de forma a colher o máximo de material possível. Essa con-

dição nada mais é do que uma forma de maximizar o uso dos bens utilizados para a formação, colheita e armazenagem da silagem produzida. Economizar em insumos cruciais como adubo e sementes pode

não oferecer a resposta desejada a medida que o baixo custo não caminhar com uma boa produtividade. 🌱



Elaboração:

Superintendência Técnica (SUT) da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) em parceria com o Cepea/Esalq-USP.



Confederação da Agricultura
e Pecuária do Brasil



CEPEA
CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM
ECONOMIA APLICADA - ESALQ/USP

www.cnabrasil.org.br

twitter.com/SistemaCNA 
facebook.com/SistemaCNA 
instagram.com/SistemaCNA 